



## Considerações sobre a tradução brasileira de *Die Idee des Guten zwischen Plato und Aristoteles* de Hans-Georg Gadamer à luz de preceitos teóricos de Jiří Levý<sup>1</sup>

*Tito Lívio Cruz Romão*

Universidade Federal do Ceará, Brasil

[cruzromao@terra.com.br](mailto:cruzromao@terra.com.br)

### Resumo:

A tradução de textos filosóficos demanda diferentes estratégias tradutórias, tais como: a) notas do tradutor; b) explicações inseridas diretamente no corpo do texto; e c) certos malabarismos semânticos em diversas perspectivas linguístico-culturais. Na versão brasileira do livro *Die Idee des Guten zwischen Plato und Aristoteles*, de Hans-Georg Gadamer, o tradutor do livro recorreu a notas do tradutor para explicitar nuances próprias do alemão filosófico e também certas correspondências entre os idiomas alemão e grego, na forma como foram concebidas originalmente por Gadamer. O objetivo principal deste artigo é mostrar a utilidade de notas do tradutor na superação de alguns impasses de tradução dessa obra filosófica no vernáculo brasileiro, que nem sempre faz jus, da “mesma” maneira, à estreita relação existente entre o alemão e o grego. Em meio ao *agón* translatório imposto pelo texto de Gadamer, algumas noções caras a Jiří Levý podem clarear o caminho do tradutor, como p. ex.: a) valores semânticos e conteúdo ideo-estético do texto-fonte; b) funcionalidade do texto-alvo; c) condicionamento linguístico, forma linguística e conteúdo ideo-estético; d) minimização de dificuldades; e) reestilização do texto-fonte.

**Palavras-chave:** tradução, filosofia, Hans-Georg Gadamer, Jiří Levý.

**Consideraciones sobre la traducción brasileña de *Die Idee des Guten zwischen Plato und Aristoteles* de Hans-Georg Gadamer a la luz de los principios teóricos de Jiří Levý**

### Resumen:

La traducción de textos filosóficos requiere diferentes estrategias, tales como: a) las notas del traductor; b) las explicaciones incorporadas directamente en el cuerpo del texto; c) ciertos malabarismos semánticos desde diversas perspectivas lingüísticas y culturales. La traducción brasileña de *Die Idee des Guten zwischen Plato und Aristoteles* de Hans-Georg Gadamer implicó que el traductor empleara notas de pie de página para explicitar matices propios de la terminología

<sup>1</sup> Durante o trabalho de versão brasileira da obra *Die Idee des Guten zwischen Plato und Aristoteles*, da autoria de Hans-Georg Gadamer (1900-2002), foram necessárias diversas reflexões sobre o processo tradutório, os limites e os desafios do texto-fonte, entre outros, que acabaram levando o tradutor – e também autor deste artigo – a escrever as considerações aqui contidas. O presente texto insere-se em um projeto de investigação intitulado “Tradução de Especialidades”, em que o autor deste artigo vem trabalhando desde junho de 2016 no âmbito das disciplinas que ministra no Programa de Estudos da Tradução (POET) da Universidade Federal do Ceará.

filosófica del alemán, al igual que algunas correspondencias, concebidas por el propio Gadamer, entre el alemán y el griego. En este artículo nos proponemos señalar la utilidad de las notas de traductor como estrategia para vencer los obstáculos implícitos en la versión brasileira de la obra mencionada, teniendo presente que en portugués los estrechos vínculos entre el alemán y el griego no pueden mantenerse siempre de la “misma” manera. Para superar el *agón* conceptual impuesto por Gadamer en su libro, el uso por parte del traductor de algunos conceptos de Jiří Levý, puede ser muy útiles, por ejemplo, a) los valores semánticos y el contenido ideológico-estético del original; b) la funcionalidad del texto de llegada; c) le condicionamiento lingüístico, la forma y el contenido ideológico-estético; d) la minimización de las dificultades; e) la reestilización del texto fuente.

**Palabras clave:** Traducción, filosofía, Hans-Georg Gadamer, Jiří Levý.

**Considerations on the Brazilian translation of *Die Idee des Guten zwischen Plato und Aristoteles* by Hans-Georg Gadamer in the light of the theoretical principles of Jiří Levý**

**Abstract:**

The translation of philosophical texts requires different strategies, such as: a) translator’s notes; b) explanations as direct elements of the text; and c) semantic juggling under linguistically and culturally diverse perspectives. In order to accomplish the Brazilian translation of Gadamer’s above-mentioned book, the translator used footnotes to emphasize nuances of certain German philosophical terms and some correspondences between German and Greek, as conceived originally by the German philosopher. The main purpose of this paper is to point out how useful translators’ notes can be to overcome some obstacles in the translation of Gadamer’s book into Brazilian Portuguese, a language in which the close links between German and Greek cannot always be maintained in the “same” way. To surmount the translation’s *agon* imposed by Gadamer’s text, in such a case the translator can appeal to some of the concepts advocated by Jiří Levý, e.g.: a) Semantic values and ideo-aesthetic content; b) Functionality of the target-text; c) Linguistic conditioning, linguistic form and ideo-aesthetic content; d) Minimization of difficulties; e) Re-stylization of the source-text.

**Keywords:** translation, philosophy, Hans-Georg Gadamer, Jiří Levý.

*A poesia está no coração da filosofia, o poema é um filosofema<sup>2</sup>.*

Jacques Derrida

## 1. A arte de traduzir textos filosóficos

Ao longo dos séculos, a filosofia, notadamente aquela concebida e exercida pelos grandes estudiosos gregos, tem sido uma fonte quase inesgotável, a partir da qual tradutores podem verter as obras dos grandes filósofos e também se dedicar a comentar e até mesmo a escrever longos e elucidativos textos em que procuram penetrar os

<sup>2</sup> Cf. Abbagnano, 2000, p. 442: Filosofema: Na lógica de Aristóteles (*Top.*, VIII, 11, 162 a 15) é o “raciocínio demonstrativo”. Fora da lógica: conceito ou lugar-comum filosófico. Neste segundo sentido, é usado pelo próprio Aristóteles (*De cael.*, II, 13, 294 a 19) e pela tradição posterior.

meandros do processo tradutório. A título de exemplo, mencione-se aqui o célebre filósofo, teólogo evangélico e tradutor Friedrich Schleiermacher, que traduziu, *inter alia*, os conhecidos *Diálogos* de Platão. Como obra reflexiva – e quase sempre festejada<sup>3</sup> – sobre o processo tradutório e o significado do ato de traduzir, Schleiermacher (2011) legou à posteridade o célebre ensaio intitulado *Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens* [Sobre os diferentes métodos de traduzir], apresentado como conferência perante a Academia Real de Ciências em Berlim no dia 24 de junho de 1813 e publicado em um compêndio de obras completas no ano de 1838. Embora o ensaio de Schleiermacher não tenha como ponto de partida a tradução de obras filosóficas, pode-se supor que sua prática tradutória, bastante voltada para o gênero filosófico, certamente em muito contribuiu para fundamentar suas reflexões acerca do ato de traduzir. Ademais, como veremos a seguir, textos filosóficos possuem alguns aspectos em comum com textos literários, notadamente com os gêneros textuais de natureza e forma poética.

Da mesma forma que hoje em dia não se pode falar de uma “teoria geral da tradução”, mas talvez sim, com maior acurácia, de teorias da tradução<sup>4</sup>, também há indubitavelmente diferentes formas de se entender o termo filosofia(s). Examine-se, de início, a seguinte afirmação:

A disparidade das F[ilosofias]. tem por reflexo, obviamente, a disparidade de significações de “F[ilosofia].”, o que não impede reconhecer nelas algumas *constantes*. Destas, a que mais se presta a relacionar e articular os diferentes significados desse termo é a definição contida no *Eutidemo* de Platão: F. é o uso do saber em proveito do homem. Platão observa que de nada serviria possuir a capacidade de transformar pedras em ouro a quem não soubesse utilizar o ouro, de nada serviria uma ciência que tornasse imortal a quem não soubesse utilizar a imortalidade, e assim por diante. É necessária, portanto, uma ciência em que coincidam fazer e saber utilizar o que é feito, e essa ciência é a F. (*Eutid.*, 288 e 290d). (Abbagnano, 2000, p. 442)<sup>5</sup>

Por tratar a filosofia (ou as filosofias) em um verbete de dicionário, Abbagnano (2000, p. 442 ss.) elenca, para esta(s) uma série de diferentes concepções, dentre as quais se podem

<sup>3</sup> Em seu ensaio intitulado *Die Aufgabe des Übersetzens*, Johann Albrecht Karl Schäfer (1839) opõe-se ostensivamente ao método de tradução proposto por Schleiermacher e realizado principalmente por Johann Heinrich Voß, renomado tradutor alemão de obras de Homero.

<sup>4</sup> Em um livro intitulado *Übersetzungstheorien* [Teorias da Tradução], Stolze (2011, p. 7) adverte: “Der interdisziplinäre Charakter der Wissenschaft vom Übersetzen, die mit unterschiedlichen Nachbardisziplinen in Kontakt steht, ist ein weiterer Grund für die Vielfalt der theoretischen Ansätze und damit auch für die Uneinheitlichkeit im Begriffsapparat. Die Fortentwicklung der noch relativ jungen Disziplin führte nicht zu einer allmählichen Herausbildung einer allgemeinen Übersetzungstheorie, vielmehr wurden und werden ständig neue ‚Ansätze‘ entwickelt”. [O caráter interdisciplinar da ciência do traduzir, que se encontra em contato com diversas disciplinas correlatas, é mais um motivo para a variedade de abordagens teóricas e conseqüentemente também para a não-uniformidade do aparato conceitual. O desenvolvimento continuado dessa ainda jovem disciplina não levou a um desenvolvimento gradual de uma teoria geral da tradução; ao invés disso, desenvolveram-se e continuam a se desenvolver novas “abordagens”]. Obs.: As traduções das citações estrangeiras contidas neste artigo serão feitas, para fins meramente didáticos, pelo próprio articulista e apresentadas diretamente no corpo do texto, enquanto os trechos originais virão em notas de rodapé. Se, para os trechos originais, já existirem traduções consagradas em português do Brasil, será dada preferência a estas.

<sup>5</sup> Grifos de Abbagnano (2000).

ressaltar, de forma seletiva e, portanto, não conclusiva, as seguintes: a) a concepção analítica considera a filosofia uma “atividade humana”, tendo como função “fazer escolhas”; b) considera-se a filosofia “juízo sobre o saber”, atribuindo-lhe, assim, a função de “unificar as ciências” ou de “reunir seus resultados numa visão de mundo”; c) a filosofia, segundo as filosofias de origem oriental, “é contemplação”, o que, dentro da filosofia hodierna, estaria representado na fenomenologia e no espiritualismo; d) entende-se a filosofia como análise da linguagem, em que esta ocupa uma posição principal como instrumento “mais apto a eliminar equívocos e retificar relações intersubjetivas”.

Há também quem afirme que a filosofia, entendida literalmente como amor, apego, ânsia por sabedoria, não é ciência. Em um artigo sobre a tradução de textos de psicologia, psicanálise e filosofia, Marco Aurélio de Moura Matos (1984, p. 37) ressalta a importância primordial da filosofia frente às ciências, já que aquela se constitui em uma espécie de matriz de indagações acerca das diferentes realidades que servem de base para as ciências propriamente ditas. Nesse processo, a filosofia atua de modo decisivo e inabalável, emprestando às ciências as necessárias categorias que desvelam para o mundo as diferentes realidades científicas. Além disso, o pesquisador supramencionado apresenta as seguintes considerações sobre a tradução filosófica:

Tem pressupostos diferentes dos que informam a tradução literária e científica: seu vocabulário é outro, seu enfoque da realidade a conhecer é outro, suas categorias são outras e sua finalidade, outra. O pensamento filosófico é o mais genérico e o mais universal de todos os tipos de pensamento, uma vez que a filosofia é a mais genérica e a mais universal das ocupações da inteligência do homem. Sua história e sua necessidade acham-se no núcleo inicial da civilização do Ocidente –na Velha Grécia, basicamente, e nas civilizações que herdaram seu patrimônio cultura (*ibid.*).

O fato de a filosofia ser uma ocupação genérica e universal permite-lhe possuir muitos compartimentos, muitas especialidades e muitas segmentações; isto resulta, amiúde, no surgimento de diferentes linguagens, jargões, vocabulários e, por conseguinte, na existência de métodos próprios para elucidar seus diferentes domínios. Assim sendo, o tradutor de textos filosóficos necessitará dominar o vocabulário inerente às diferentes maneiras do pensar filosófico. Segundo Matos (*ibid.*), o tradutor terá de dominar um vocabulário genérico “e, ao mesmo tempo –se for o caso– um vocabulário específico, próprio de uma escola, para captar os conceitos e as ideias centrais do pensamento filosófico tal como se firmou e se diversificou ao longo da sua história –da História da Filosofia”.

Em uma obra de referência em que se delineia a história das traduções em língua francesa do século XIX, encontram-se estes comentários sobre tradução e traduzibilidade de textos filosóficos:

(...) A tradução sempre faz passar “alguma coisa” de uma língua a outra, um sentido, uma argumentação, um raciocínio, uma intuição, que permite às ideias circular e prosperar numa outra língua. (...) Poder-se-ia dizer, assim, que a tradução filosófica situa-se em um grau intermediário da “traduzibilidade”, entre, por um lado, o discurso poético e religioso, em que o sentido está consubstancialmente ligado às palavras, tornando toda tradução, num caso extremo, um sacrilégio; e, por outro lado, o discurso científico que em teoria, legitimamente, é transponível, por completo, de uma língua a outra. A tradução de um poema sempre corre o risco de uma perda (...), ao passo

que a tradução de um texto científico, de uma demonstração, constitui uma forma de validação e contribui para reforçar-lhe o caráter universal. Entre esses dois polos da “traduzibilidade”, a filosofia parece colocar-se num estágio intermediário, na medida em que o texto original sempre contém um excedente de sentido que justifica que se retorne a este sem cessar, que se tente sem cessar traduzi-lo; e na medida em que, ao mesmo tempo, a prova da tradução é mais do que nunca decisiva. Pode-se até afirmar que a tradução, para um texto filosófico, é um teste insubstituível. E daí esta atitude dupla, uma idiosincrasia às vezes irritante dos textos filosóficos, que consiste em se referir com frequência a noções tomadas de empréstimo tais e quais à língua de origem (*Dasein, logos*), sem, todavia, renunciar à explicitação e ao comentário, e, logo, à apropriação e à aclimação (por exemplo Heidegger tratando de “Logos”, “Moira” e “Aletheia” em seus *Essais et Conférences* [*Ensaio e Conferências*], Gallimard, 1958<sup>6</sup> (D’Hulst & Lombez, 2012, p. 1009).

A partir das considerações acima, é possível observar o alto grau de dificuldade que as noções filosóficas representam aos tradutores, justamente porque o discurso filosófico beira, segundo os autores citados, os discursos poético e religioso. Frisando-se, aqui, essa margem de semelhança entre enunciações da poesia e da filosofia, cumpre também realçar a proximidade existente entre a filosofia e a arte em geral, e entre a filosofia e a arte poética, em particular. Tomem-se como exemplo algumas ideias de Jacques Derrida (1930-2004), filósofo francês de origem magrebina que fundou a “desconstrução”<sup>7</sup> na filosofia como forma de criticar as abordagens literárias, filosóficas e políticas de seu tempo, e que teceu sobre esse tema os seguintes comentários:

Pode a filosofia ser adquirida pelo exercício e pela aplicação? Ou ela é, ao contrário, um dom *gratuito* (*ein freies Geschenk*), um poder inato (*angeboren*) enviado pelo destino (*Schickung*)? De certa maneira, a resposta é “sim”, há (*es gibt*) um dom ou um presente (*Geschenk*) dado, enviado, legado pelo destino (*Geschick*); somos assim destinados à filosofia na medida em que ela é uma arte, uma arte de gênio regulada por uma intuição intelectual que só pode ser dada e dar seu objeto ligando-se aqui ao gênio de uma língua natural. Dito isso, se o essencial da filosofia não se aprende, suas formas particulares devem ser aprendidas. Que a filosofia seja um dom não significa que cada um a possua sem exercício.

<sup>6</sup> Texto original francês: “(...) La traduction fait toujours passer « quelque chose » d’une langue à l’autre, un sens, une argumentation, un raisonnement, une intuition, qui permet aux idées de circuler et de prospérer dans une autre langue. (...) On pourrait dire ainsi que la traduction philosophique se situe à un degré intermédiaire de « traductibilité » entre, d’une part, le discours poétique et religieux dans lequel le sens est consubstantiellement lié aux mots, ce qui rend à la limite toute traduction sacrilège, et, d’autre part, le discours scientifique qui en théorie, en droit, est totalement transposable d’une langue à l’autre. La traduction d’un poème court toujours le risque d’une perte (...), alors que la traduction d’un texte scientifique, d’une démonstration constitue une forme de validation, et contribue à en renforcer le caractère universel. Entre ces deux pôles de la « traductibilité », la philosophie semble se placer à un stade intermédiaire, dans la mesure où le texte original contient toujours un excédent de sens qui justifie qu’on y revienne sans cesse, que sans cesse on tente de le retraduire, et où, en même temps, l’épreuve de la traduction est plus que jamais décisive. On peut même dire que la traduction, pour un texte philosophique, est un test irremplaçable. D’où cette double attitude, une idiosyncrasie parfois irritante des textes philosophiques, qui consiste à se référer fréquemment à des notions empruntées telles quelles à la langue source (*Dasein, logos*), sans pour autant renoncer à l’explicitation et au commentaire, et donc à l’appropriation et à l’acclimatation (par exemple Heidegger traitant de « Logos », « Moira » et « Alêtheia » dans ses *Essais et Conférences*, Gallimard, 1958)”.

<sup>7</sup> Com base nas contribuições de Derrida no campo da desconstrução, também houve nos estudos da tradução uma abertura para trabalhos sobre o binômio “tradução e desconstrução”, um ramo que se desenvolveu no Brasil notadamente a partir das pesquisas e publicações realizadas por Rosemary Arrojo (1993).

O aspecto propriamente artístico dessa ciência filosófica (Schelling a chama “*arte dialética*”) não pode, sem dúvida, ser aprendido, mas podemos exercitar-nos nele<sup>8</sup> (Derrida, 2005, p. 163).

Apoiando-se no filósofo alemão Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (1775-1854), representante do idealismo alemão, Derrida ressalta ser a filosofia não apenas um pendor artístico, mas simultaneamente uma dádiva da natureza humana inerente a determinados indivíduos. Tal dom não poderia ser aprendido em sua essência, mas seus domínios segmentados certamente poderiam ser apreendidos. O filósofo franco-magrebino ainda afirma:

Não se pode, portanto, separar filosofia e poesia, afirmação repetida por Schelling; devemos somente traduzi-las uma na outra, mesmo se o poético (enraizado na particularidade de uma língua) situa aquilo mesmo que limita a tradutibilidade, que, apesar disso, ele reclama (Derrida, 2005, p. 161).

Vê-se, também aqui, uma tentativa de mostrar os laços que unem poesia e filosofia: aquela com suas raízes fincadas no âmago da língua em que é produzida, e esta, como saber essencial do gênio humano, realizada primeiramente como linguagem genérica e universal, mas também passível de ser pormenorizada em vocabulários específicos e, por isto, de estar vinculada a linguagens igualmente particulares. Dentro dessa perspectiva, o criar poético seria um dom que caberia a alguns humanos; e estes, em suas criações, fariam uso dessa dádiva para exprimirem, através da poesia, seus sentimentos íntimos e específicos. E tais sentimentos, por fim, poderiam quicá ser alcançados por um grupo de leitores mais ou menos amplo e genérico, de acordo com cada situação dada.

Em uma obra dedicada a conceitos de filosofia, o jurista e filósofo Willis Santiago Guerra Filho, ao examinar o legado do sábio grego Anaximandro, sublinha a “conotação poética” dos primeiros discursos filosóficos:

Esse último [Anaximandro], aliás, teria sido o primeiro sábio grego (*sophos*) a dispensar a forma versificada de organizar seu discurso, escrevendo em prosa. E não é de se estranhar essa aliança originária da filosofia com a poesia, levando em conta a tarefa atribuída ao poeta por um deles, dos maiores de nossa época, Stéphane Mallarmé: “*donner un sens plus pur aux mots de la tribu*”. Sim, porque o nomear poético confere um sentido todo próprio às palavras, autenticando-as, de forma que elas aparecem carregadas com a emoção que o poeta experimentou, na sua experiência direta e imediata da realidade. Cabe-lhe, portanto, compartilhar com os demais o que sente, *subjetivamente*, por ser o que sentem também em relação ao dado *objetivamente*, mas não conseguem expressar de modo inteligível, *intersubjetivamente* (Guerra Filho, 1996, p. 42).

Nos destaques feitos em seu texto, Guerra Filho, apoiando-se agora em Mallarmé, aponta o papel que a forma poética exercia nos primórdios do discurso filosófico grego. Daí se depreende que esta servia como canal auxiliar para que ocorresse um processo de comunicação intersubjetivo nas situações em que, embora havendo fatos objetivos comuns aos indivíduos, não se lograva um discurso inteligível; por conseguinte, era mister lançar mão das emoções através da criação poética. Outrossim, procedendo-se a um cotejo dos gêneros filosófico e poético, na busca de ressaltar as semelhanças existentes entre ambos, também se faz necessário pensar no aspecto da beleza que tais

<sup>8</sup> Tradução de Nícia Bonatti.

textos originariamente possam ter, bem como no destino que se reservará ao Belo ao longo do processo de tradução. É voz corrente que muito já se discutiu e se escreveu sobre os esforços dispendidos para se tentar alcançar um equilíbrio entre a manutenção do Belo e da fidelidade na tradução de textos literários (p.ex. “as belas infieis”<sup>9</sup>). Essa questão também já foi objeto de registro por quem perscrutou o ato de traduzir pela ótica da versão de textos filosóficos, como se pode ver a seguir:

Imagino, pois, uma forma de tradução que seja feia, como sempre o é a ciência, que não tenha pretensões de elegância literária, que não seja fácil de ler, mas que seja muito clara, ainda que esta clareza exija um grande número de notas de rodapé. É preciso que o leitor saiba de antemão que ao ler uma tradução não estará lendo um livro literariamente belo, mas sim que estará fazendo uso de um instrumento entediante, mas que verdadeiramente o fará transmigrar para dentro desse pobre Platão, que há quatro séculos se esforçou, à sua maneira, para manter-se na superfície da vida<sup>10</sup> (Ortega y Gasset, 2013, p. 68).

Como se pode depreender da passagem acima, o filósofo espanhol refere-se claramente à tradução de textos filosóficos, mais especificamente a escritos de Platão vertidos por Schleiermacher, que para realizar seus trabalhos teria renunciado a fazer uma tradução dita “bela”. Se, a partir desse caso ilustrativo, o Belo não parece ser o alvo principal a ser perseguido na versão de textos filosóficos, é necessário refletir sobre qual deveria ser a preocupação maior subjacente a esse tipo de tarefa translatória:

Com efeito, o que realmente importa para o filósofo é a verdade ou o significado; e como o significado está antes ou além da linguagem, daí decorre ser ele traduzível. A concepção da verdade como a revelação do que está oculto, diferentemente da teoria da verdade como exatidão ou correspondência, é provavelmente a tarefa essencial da filosofia. A natureza da realidade e do homem tanto é oculta quanto revelada; ela tanto surge quanto deixa o campo de visão, não de forma alternada, mas concomitante. Somente o pensar que está verdadeiramente envolvido, paciente e disciplinado mediante longa prática, pode vir a conhecer tanto a verdade oculta quanto revelada. Verdade ou significado na filosofia, exatamente como na tradução, assume o papel de líder, e conseqüentemente é preciso ser capaz de estabelecer sua univocidade ou, seja como for, de dominar sua plurivocidade. Se tal plurivocidade puder ser dominada, então é possível a tradução, entendida como transferência ou transporte de um conteúdo semântico para outra forma significante. Neste ponto, de certo modo poderíamos dizer que não há filosofia, a menos que a tradução, neste último sentido, seja possível. Portanto, a tese da filosofia é a traduzibilidade nesse sentido razoável, isto é, como transferência de um significado de uma verdade de uma língua para outra, sem que se produza nenhum dano essencial<sup>11</sup> (Amara, 1998, p. 51).

<sup>9</sup> Cf. Domingues, João (2012).

<sup>10</sup> “Imagino, pues, una forma de traducción que sea fea, como lo es siempre la ciencia, que no pretenda garbo literario, que no sea fácil de leer, pero sí que sea muy clara, aunque esta claridad reclame gran copia de notas al pie de la página. Es preciso que el lector sepa de antemano que al leer una traducción no va a leer un libro literariamente bello, sino que va a usar un aparato bastante enojoso, pero que le va a hacer de verdad transmigrar dentro del pobre hombre Platón que hace veinticuatro siglos se esforzó a su modo por sostenerse sobre el haz de la vida”.

<sup>11</sup> “(...) As a matter of fact, what really matters for the philosopher is truth or meaning, and since meaning is before or beyond language, it follows that it is translatable. The conception of truth as the revealing of what is concealed, in distinction to the theory of truth as correctness or correspondence, is probably philosophy’s essential task. The nature of reality and of man is both hidden and revealed; it both appears and withdraws from view, not in turn but concomitantly. Only the thinking that is truly involved, patient

No trecho acima, o professor e pesquisador da Università di Cagliari salienta os traços comuns compartilhados pela filosofia e pela tradução, já que ambas têm como alvo maior desvelar a verdade oculta. Suas atenções estão voltadas, pois, primeiramente para a *aletheia*<sup>12</sup>, para o desvelamento, para a busca de retratar a verdade, a realidade como ela realmente é. No caso dos tradutores de textos filosóficos, é preciso que estes encontrem a fórmula que lhes mostre o caminho da univocidade entre o texto-fonte e o texto-alvo. É preciso, portanto, escapar do risco de se perder nos labirintos de discursos polifônicos como tentativa de desvelar a realidade do texto de partida. Na lógica tradutiva proposta por Amara, a transferência ou o transporte de um conteúdo semântico para outra forma significante consiste em traduzibilidade; para tanto, é preciso que esse processo ocorra de forma razoável e sem perdas e danos. Isto ocorrendo, satisfaz-se à tese filosófica de traduzibilidade. Com relação a essa questão de univocidade e plurivocidade em textos poéticos, observem-se abaixo as ideias concebidas por Octavio Paz:

Cada palavra encerra certa pluralidade de significados virtuais; no momento em que a palavra se associa a outras para constituir uma frase, um desses sentidos se atualiza e se torna predominante. Na prosa a significação tende a ser unívoca, ao passo que, segundo já se disse com frequência, uma das características da poesia, talvez a cardinal, é preservar a pluralidade de sentidos. Na verdade, trata-se de uma propriedade geral da linguagem; a poesia a acentua, mas, atenuada, se manifesta também na fala corrente e ainda na prosa<sup>13</sup> (Paz, 1983, p. 65).

Admitindo-se que há, com base nas exposições supracitadas, certa confluência de interesses e alvos entre a filosofia e a poesia; salientando-se, além disso, que a filosofia “é uma arte, uma arte de gênio regulada por uma intuição intelectual”, ou seja, a filosofia também abraça um contexto estético; e, por último, assumindo-se que a filosofia e a tradução também buscam desvelar o que está oculto, isto é, a “verdade ou significado na filosofia, exatamente como na tradução, assume o papel de líder”, serão apresentados a seguir, entre os preceitos teórico-práticos de Jiří Levý esboçados em sua obra *Uměni překladau*<sup>14</sup>, alguns aspectos-chave, mediante os quais se analisarão algumas decisões

---

and disciplined by long practice can come to know either the hidden or disclosed truth. Truth or meaning in philosophy, just as in translation has the commanding role, and consequently one must be able to fix its univocality or, in any case, to master its plurivocality. If this plurivocality can be mastered, then translation, understood as the transfer or the transport of a semantic content into another signifying form, is possible. At this point, we could say in a way that there is no philosophy unless translation in this latter sense is possible. Therefore, the thesis of philosophy is translatability in this common sense, that is, as the transfer of a meaning or a truth from one language to another without any essential harm being done.”

<sup>12</sup> No termo *Aletheia* (ἀλήθεια), há o prefixo negativo *ἀ-* e o substantivo *λήθη* (léthe), que significa “esquecimento”.

<sup>13</sup> “Cada palabra encierra cierta pluralidad de significados virtuales; en el momento en que la palabra se asocia a otras para constituir una frase, uno de esos sentidos se actualiza y se vuelve predominante. En la prosa la significación tiende a ser unívoca mientras que, según se ha dicho con frecuencia, una de las características de la poesía, tal vez la cardinal, es preservar la pluralidad de sentidos. En verdad se trata de una propiedad general del lenguaje; la poesía la acentúa, pero, atenuada, se manifiesta también en el habla corriente y aún en la prosa”.

<sup>14</sup> As referências contidas neste artigo serão feitas a partir da edição em língua inglesa intitulada *The Art of Translation* (2011), traduzida por Patrick Corness e editada por Zuzana Jettmarová.



tomadas na tradução brasileira do livro *Die Idee des Guten zwischen Plato und Aristoteles*, do filósofo alemão Hans-Georg Gadamer.

## 2. Alguns aspectos teórico-práticos da tradução literária segundo Jiří Levý

Em seu livro *The art of translation*, Jiří Levý aborda diferentes aspectos teóricos, metodológicos e, de certo modo, também práticos –considerando-se os muitos exemplos apresentados– da tradução, mais especificamente da tradução literária, pois ilustra seus preceitos teóricos com exemplos de versões de textos de prosa, teatro e poesia. Os ensinamentos apreensíveis a partir das considerações feitas por Jiří Levý inserem-se, portanto, inequivocamente na esfera da tradução literária. Porém, levando-se em conta o exposto na primeira parte deste capítulo sobre a tradução dos gêneros discursivos de natureza filosófica e poética, os ensinamentos de Jiří Levý certamente poderão servir de guia, para que se apresentem em seguida algumas discussões sobre o cotejo de excertos originais do livro *Die Idee des Guten zwischen Plato und Aristoteles* e sua versão brasileira. Aqui se parte do pressuposto de que tais excertos encerram desafios que muito se assemelham aos obstáculos normalmente enfrentados por tradutores literários em geral e de poesia em particular. Elencar-se-ão, a seguir, alguns temas discutidos por Jiří Levý, que serão usados como ferramentas para o debate sobre a tradução brasileira do livro de Hans-Georg Gadamer.

### 2.1. Valores semânticos e conteúdo ideo-estético do texto-fonte

Todo autor, ao criar e formular seu texto original a partir de material objetivo, normalmente alcança seu alvo mediante escolhas estabelecidas por ele segundo suas idiossincrasias, suas noções estilísticas, estéticas e ideológicas. A este respeito, pondera o teórico tcheco:

Uma obra de arte é criada como resultado de seleção subjetiva e transformação da realidade objetiva; para ser mais preciso, um determinado conteúdo ideo-estético é realizado através da verbalização. Aqui se deverão distinguir duas coisas que frequentemente são confundidas: (1) o texto da obra e (2) os valores semânticos do texto, que, por falta de um melhor termo, poderíamos chamar de obra no sentido estrito do termo<sup>15</sup> (Levý, 2011, p. 25).

Como não será possível, por motivos de espaço, pormenorizar extensamente as questões referentes a valores semânticos e conteúdo ideo-estético do livro de Gadamer, serão apresentados a seguir apenas alguns trechos ilustrativos que dizem respeito ao texto da obra, mas também aos valores semânticos ressaltados subjetivamente pelo seu autor. Cumpre destacar, porém, que os termos gregos contidos no texto alemão, sendo este claramente reconhecido como de natureza filosófica, trazem uma forte carga histórica e semântica, que precisa encontrar, também na tradução brasileira, correspondentes compatíveis com o universo helênico de onde foram extraídos. Neste caso bem

<sup>15</sup> “As the outcome of subjective selection and the transformation of objective reality, a work of art is created; more precisely, a certain ideo-aesthetic content is realized in verbal material. Two different things which are frequently confused should be distinguished here also: (1) the text of the work and (2) the semantics values of the text, which for lack of a better term we might call the work in the narrow sense of the word”.

específico, caberia também a máxima de Antoine Berman (2013, p. 25), segundo quem, ao discorrer sobre a “tradução” e a “letra”, a tradutologia, mesmo não sendo uma “filosofia da tradução”, precisa fincar raízes no pensamento filosófico. A seguir, serão apresentados exemplos originais da obra de Gadamer e contrastados com os trechos traduzidos, seguidos de comentários:

In der praktischen Philosophie geht es nicht um eine Idee des Guten oder um die Polis der vollendeten Gerechtigkeit, auch wenn Aristoteles das Denkmittel eines idealen Staatsmodells in seiner ‘Politik’ nicht verschmäht. Auf alle Weise geht es ihm um das Tunliche. So ist die wahre ‘Arche’, wie er mit verblüffender Radikalität sagt, das ‘Daß’ (τὸ ὅτι EN 1095b<sub>6</sub>, 1098b<sub>2</sub>). Damit ist gemeint: es ist von der Praxis selbst auszugehen und dem in ihr lebendigen Bewußtsein dessen, was gut ist (ὁμολογούμενον) (Gadamer, 1978, p. 95).

Na filosofia prática, não se trata de uma ideia do Bem ou da *pólis* da perfeita justiça, mesmo que Aristóteles não desdenhe a ideia de um modelo de Estado ideal em sua *Política*. De qualquer maneira, importa, para ele, o Oportuno. Desse modo, a verdadeira *arkhé*, como chega a afirmar com espantoso radicalismo, é o “que” (τὸ ὅτι EN 1095b<sub>6</sub>, 1098b<sub>2</sub>). Com isso, quer dizer o seguinte: deve-se partir da própria prática e da consciência nela viva daquilo que é “bom” (ὁμολογούμενον) (Gadamer, 2009, p. 158).

Na concepção e realização subjetiva de seu texto, Gadamer recorre a estratégias objetivas normalmente utilizadas na língua alemã para a redação de textos filosóficos em que há referências a fontes, elementos, obras etc. da filosofia grega. Procedimento semelhante foi seguido, *mutatis mutandis*, pelo tradutor brasileiro. Observem-se os diferentes usos que Gadamer faz, na língua alemã, de termos de origem grega, e os correspondentes propostos pelo tradutor em português do Brasil:

- a) Termo grego já aclimatado: *Polis* – *pólis*;
- b) Termo grego transliterado: *Arche* – *arkhé*;
- c) Termo traduzido: *Politik* – *Política*<sup>16</sup>;
- d) Termo original: ὁμολογούμενον – ὁμολογούμενον.

Como se pode concluir pelos exemplos, as estratégias seguidas pelo autor do original e pelo tradutor foram idênticas, de modo que a versão brasileira tenta manter os valores semânticos e o conteúdo ideo-estético, obedecendo ao modelo apresentado pelo filósofo alemão. Diferenças há, sobretudo, no tratamento dado aos substantivos alemães, que

<sup>16</sup> Note-se a diferença existente entre os exemplos contidos nos itens a) e c). Em relação aos exemplos contidos em a), o termo grego *πόλις*, ao ser aclimatado respectivamente na língua alemã e no português brasileiro, simplesmente foi acomodado em cada novo âmbito linguístico conforme as regras de transliteração vigentes em cada um dos idiomas. Desta forma, o vocábulo *Polis* contido no texto original de Gadamer, forma transliterada em alemão do vocábulo grego *πόλις*, precisou ser vertido em português brasileiro como *pólis*, para, deste modo, fazer jus às regras brasileiras de transliteração. Ressalte-se que os termos aclimatados *Polis/pólis* encontram-se inclusive dicionarizados em obras de consulta de vocabulário geral de ambos os idiomas, o que não ocorre com termos apenas transliterados *ad hoc* (como p.ex. *Arche/arkhé*). Já em c), ao apresentarmos o exemplo *Politik* – *Política*, cabe, aqui, recorrermos ao termo grego original *Πολιτικά*, que dá título ao livro de Aristóteles. Como se pode depreender a partir deste raciocínio, na língua alemã simplesmente se traduz o termo como *Politik*, enquanto no português brasileiro, por *Política*. Neste segundo caso não se trata, portanto, de uma mera obediência a regras de transliteração, mas sim de uma tradução literal do termo grego em cada uma das línguas.

sempre têm inicial maiúscula, e nas respectivas transliterações dos termos gregos, uma vez que estas devem fazer jus às normas próprias do respectivo idioma que acolhe os termos estrangeiros. Para manter os mesmos valores de obra filosófica *per se*, a tradução também conservou os termos grafados por Gadamer no alfabeto grego, atendendo também à expectativa de público-alvo a que a obra se destinava: leitores afeitos a esse tipo de conteúdo sofisticadamente filosófico.

## 2.2. A funcionalidade do texto-alvo

Em seus preceitos teóricos, Jiří Levý salienta o aspecto da função que o texto traduzido deve assumir ao cabo do processo de tradução. Deve-se ressaltar aqui que principalmente a partir dos anos oitenta, com o surgimento do livro *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie* [Fundamentação de uma Teoria Geral da Translação], da autoria de Hans J. Vermeer e Katharina Reiß (1984; 1991), surgiria um interesse maior pela questão da função do texto de partida e do texto de chegada. Segundo a teoria do escopo concebida por Vermeer e Reiß (1991, p. 29, p. 96), no processo translatório deve-se dar prioridade à funcionalidade, à função, ao objetivo que encerra cada ação translatória. As ideias formuladas por Vermeer e Reiß encontrariam seguidores, entre os quais Christiane Nord, que elenca, em seu livro *Textanalyse und Übersetzen* (1988), diversos fatores externos e internos relevantes para a tradução. Vale destacar que diferentes textos de Levý são citados nas referências bibliográficas de Vermeer & Reiß e de Nord<sup>17</sup>. Sobre a funcionalidade do texto traduzido, Levý (2011) faz, entre outras, as seguintes considerações:

O processo de tradução não termina com a criação do texto traduzido; tampouco o texto deverá ser o alvo derradeiro do tradutor. Além disso, uma tradução somente se torna funcional numa sociedade quando lida. Novamente, agora pela terceira vez, transforma-se material objetivo subjetivamente; através do texto da tradução, os leitores formam sua própria (terceira) concepção da obra. Primeiramente, o autor formou uma interpretação da realidade; em segundo lugar, o tradutor formou uma interpretação da obra original, e em terceiro lugar o leitor formou uma interpretação da tradução. Assim como o ponto de partida do tradutor não deveria ser o texto do original, mas os valores ideológicos e estéticos que este contém, o objetivo do tradutor também não deveria ser um texto, mas sim um certo conteúdo que o texto é para comunicar ao leitor. Isso significa que o tradutor deverá levar em conta o leitor para quem a tradução está sendo escrita. Deste modo, por exemplo, em uma tradução direcionada a crianças, será dada mais atenção à inteligibilidade da linguagem do que em uma tradução para um círculo sofisticado de leitores, onde será mais importante preservar todas as sutilezas da fonte. O texto de uma peça terá de ser imediatamente compreensível quando ouvido. Ademais, muito do que não fosse apreendido em um texto literário pode ser elucidado em uma produção encenada<sup>18</sup> (Levý, 2011, p. 30).

<sup>17</sup> Vermeer & Reiß fazem, por exemplo, esta citação: “Übersetzen ist Mitteilen. Genau gesagt entschlüsselt der Übersetzer die Mitteilung, die in dem Text des Originalautors enthalten ist, und formuliert (chiffriert) sie in seine Sprache um.” (Levy, 1969, p. 33) [Traduzir é comunicação. Mais precisamente, o tradutor decodifica a mensagem contida no texto do autor original e reformula-a (codifica-a) em sua própria língua].

<sup>18</sup> “The process of translation does not end with the creation of the translated text; nor should the text be the translator’s ultimate goal. A translation, too, becomes functional in the society only when it is read. Once again, for the third time now, objective material is subjectively transformed; through the text of the translation, readers form their own (third) conceptions of the work. Firstly the author formed an

Considerando-se as palavras de Levý relativas ao momento em que está concluída a tradução, é legítimo afirmar que a tradução brasileira de *Die Idee des Guten zwischen Plato und Aristoteles* foi realizada com um olhar voltado para o leitor final da edição brasileira, que, como já se deu a entender acima, não seria um público leigo. Para cumprir sua tarefa, o tradutor estava preocupado não apenas com o texto em si, mas com “um certo conteúdo que o texto é” e que deveria “comunicar ao leitor”. E nessa sua tarefa tentou ater-se também a certas sutilezas contidas no texto. Veja-se o trecho original do livro de Gadamer e o trecho correspondente na versão brasileira:

Es hängt wohl damit zusammen, daß Plato nur den Ausdruck *ιδέα*, nie *εἶδος* für das *ἀγαθόν* gebraucht. Denn wenn auch die Austauschbarkeit beider Worte im damaligen Griechisch wie im Sprachgebrauch der Philosophen nicht zu leugnen ist, daß Plato nie vom *εἶδος τοῦ ἀγαθοῦ* redet, zeigt an, daß der Idee des Guten ein eigentümlicher Charakter zukommt. ‘*εἶδος*’ meint immer nur das ‘Objekt’, wie es dem Neutrum entspricht. Die Femininform *ιδέα* dagegen kann zwar, wie *δόξα* oder *ἐπιστήμη*, dem natürlichen Objektivismus unseres Denkens folgend, ebenfalls das ‘Objekt’ bezeichnen, läßt aber im ‘Anblick’ das ‘Blicken’ stärker mit anklingen als das ‘Aussehen’, und so liegt *ιδέα τοῦ ἀγαθοῦ* nicht so sehr der ‘Anblick’ des Guten als der Ausblick auf das Gute hin, wie die zahlreichen Wendungen des *ἀποβλέπειν πρὸς* etc. zeigen (Gadamer, 1978, p. 20s.).

Com certeza existe uma relação com o fato de Platão utilizar apenas a expressão *ιδέα*, nunca *εἶδος*, para o *ἀγαθόν*. Afinal de contas, embora não se possa negar a permutabilidade entre essas duas palavras no grego da época e no uso da língua pelos filósofos, o fato de Platão nunca falar de *εἶδος τοῦ ἀγαθοῦ* indica que é conferida à ideia do Bem um caráter singular. O termo *εἶδος* sempre se refere apenas ao “objeto”, correspondendo ao gênero neutro. Por sua vez, a forma feminina *ιδέα*, da mesma maneira que *δόξα* ou *ἐπιστήμη*, embora também possa caracterizar o “objeto” seguindo o objetivismo natural de nosso pensamento, deixa soar mais forte no termo alemão *Anblick* a ação de *Blicken* do que no termo *Aussehen*; e dessa forma em *ιδέα τοῦ ἀγαθοῦ* encontra-se menos a *Anblick* do Bem que a *Ausblick*\* (olhar) em direção ao Bem, como mostram as inúmeras expressões do *ἀποβλέπειν πρὸς* (*sic!*) etc. (Gadamer, 2009, p. 29).

Graças às peculiaridades semântico-morfológicas existentes na obra de Gadamer com respeito a termos alemães compostos por prefixação, o tradutor resolveu recorrer a uma nota de rodapé. É importante adiantar que a língua de Goethe possui uma incontestável flexibilidade para compor vocábulos por prefixação, que abrigam grandes –e muitas vezes decisivas– sutilezas semânticas. Ao recorrer à nota explicativa, o tradutor o fez pensando no consumidor final da obra de Gadamer em português do Brasil. Seu foco era esse determinado leitor brasileiro afeito a textos filosóficos, e também tinha consciência de que, por um lado, o texto de Gadamer ostentava um conteúdo muito

---

interpretation of reality; secondly the translator formed an interpretation of the original work and thirdly the reader formed an interpretation of the translation. Just as the translator’s point of departure should be not the text of the original but the ideological and aesthetic values it contains, so also the translator’s goal should be not a text but a certain content which the text is to communicate to the reader. This means that the translator has to take into account the reader for whom the translation is written. Thus, for example, in a translation intended for a children’s publication, more attention will have to be given to the intelligibility of the language than in a translation for a sophisticated readership, where it will be more important to preserve all the subtleties of the source. The text of a play must also be immediately intelligible when heard. Also, much that would not be apprehended in a literary text can be elucidated in a stage production”.

denso. Isso se devia não apenas à temática, mas também ao frequente recurso aos termos gregos transliterados, aclimatados ou mantidos no original helênico. O tradutor também se deu conta, por outro lado, de que não poderia operar com termos “correspondentes” em português do Brasil para tentar realizar os mesmos malabarismos que o autor original conseguiu ao trabalhar com os termos *Anblick*, *Blicken*, *Aussehen* e *Ausblick*. Assim pensando, usou como recurso a seguinte nota do tradutor, dirigindo-se aos leitores:

H.-G. Gadamer recorre aqui à riqueza semântico-morfológica das seguintes palavras alemãs: *blicken* = ver, olhar, mirar; *Anblick* = vista, aspecto, quadro (vista ou visão que está *na superfície* do objeto); *Aussehen* (aparência, aspecto); *Ausblick* = vista, panorama (vista ou visão *a partir do objeto em direção a algo*) (Gadamer, 2009, p. 29).

Como se pode ver no cotejo dos dois trechos mais acima, ocorreu, na edição brasileira, uma falha de grafia do vocábulo  $\pi\rho\delta\varsigma$ , que foi equivocadamente substituído por  $\pi\rho\delta\omega$ . Se não implica necessariamente em significativo atentado contra os valores semânticos do texto, de certo modo influi no mínimo negativamente no conteúdo estético da obra lançada no Brasil.

### 2.3. Condicionamento linguístico, forma linguística e conteúdo ideo-estético

Conforme o ponto de vista defendido por Levý (2011, p. 29), “o grau de condicionamento linguístico de uma obra varia de autor para autor, dependendo também da natureza da própria obra. Quanto mais intenso o condicionamento linguístico, mais problemática se torna a tradução<sup>19</sup>”. No caso do livro objeto deste estudo, já ficou claro que se trata de um texto filosófico exigente, em que o autor original recorre a diferentes termos gregos retirados da filosofia clássica, além de produzir alguns jogos de palavras e de sentidos entre termos gregos e vocábulos alemães. Examinem-se também estas palavras de Levý:

A estreita relação entre a verbalização e uma ideia, entre um texto e seu conteúdo, não deveria fazê-los ser considerados idênticos, porque isso significaria a perda das próprias relações entre forma linguística e conteúdo que são fundamentais para a tradução. É vital fazer uma distinção entre forma linguística e seu valor ideológico e estético. A tarefa do tradutor é traduzir o conteúdo ideo-estético, para o qual o texto é apenas o veículo. Como o próprio texto é condicionado pela língua em que a obra está estilizada, muitos valores precisam ser expressos na tradução de diferentes modos de verbalização<sup>20</sup> (Levý, 2011, p. 26).

<sup>19</sup> “The extent of the linguistic conditioning of a work varies from author to author, depending also on the nature of work itself. The more intensive the linguistic conditioning, the more problematical translation becomes”.

<sup>20</sup> “The close relationship between a verbal expression and an idea, between a text and its content, should not cause them to be considered identical, because this would mean the loss of those very relationships between linguistic form and content which are fundamental to translation. It is vital to distinguish linguistic form from its ideological and aesthetic value. The task of the translator is to translate the ideo-aesthetic content, for which the text is merely the vehicle. Because the text itself is conditioned by the language in which the work is stylised, many values have to be expressed by different verbal means in translation”.

Para além da problemática dos termos gregos e seus possíveis correspondentes alemães, Gadamer ainda traz à tona outro conteúdo ideo-estético embutido em uma forma linguística muito especial. O filósofo alemão emprega termos gregos que encontram correspondentes na língua alemã, ressaltando-se que eles mantêm entre si certas semelhanças no tocante à sua etimologia. Para o leitor alemão, trata-se, nesse caso, de uma feliz coincidência, que por certo se deve aos laços indo-europeus ainda relativamente presentes nas raízes ou na estrutura morfológica dos termos de ambas as línguas. Ocorre que o tradutor brasileiro se viu em uma aporia perante alguns desses exemplos, pois a mesma relação não se mostra tão presente na relação entre os idiomas grego e português. Viu-se então compelido a fazer uma mediação linguística triangulada, pensando em assim facilitar o caminho da compreensão para os leitores brasileiros. A título de ilustração, tomem-se estes trechos:

In dieser Richtung enthält bereits der ‘Phaidros’ einen entscheidenden Wink, wenn er in seinem großen Mythos über die göttliche Gabe des Eros der Schönheit eine besondere Auszeichnung verleiht: sie ist das Einzige, was etwas von dem alten Glanz der Idee auch nach dem Sturz in diese Erdenwelt bewahrt. Sie leuchtet hier bei uns auf. Sie ist am meisten herausleuchtend und am meisten zur Liebe reizend (ἐκφανέστατον καὶ ἐρασμιώτατον, ‘Phaidros’ 250c<sub>1</sub>). Sie weckt so in dem Liebenden das Verlangen und die Sehnsucht nach dem Höheren. – Das ist natürlich keine begriffliche Antwort auf das Problem der Teilhabe des Einzelnen am Allgemeinen. Aber es ist doch eine bedeutsame Auszeichnung des Schönen, daß es ‘herausscheint’. Denn das heißt ja, daß es im Sichtbaren darin ist. In der Tat ist das Schöne, das das Geliebte ist, in eminentem Grad ‘reine’ Schönheit. Es steht in der vollsten Sichtbarkeit seines Glanzes. Schönsein heißt ja überhaupt: sich sehen lassen können (vgl. über das Häßliche ‘Philebos’ 65e). So begreift sich auch vom ‘Phaidros’ her der Sinn des Satzes, daß das, was das Gute zu sein vermag, seine ‘Potenz’, im Schönen seine Erscheinungsweise hat. Es ist von sich aus, seiner eigenen Natur nach (ταύτην ἔσχε μοῖραν Phaidr. 250d<sub>7</sub>)<sup>21</sup> Erscheinen, Aufscheinen, Herausscheinen (ἐκφανέστατον) (Gadamer, 1978, p. 71).

Nesse sentido, o *Fedro* já dá um aceno decisivo nessa direção quando, em seu grande mito sobre o dom divino de Eros, empresta um destaque especial à beleza: ela é a única que mantém algo do antigo brilho da ideia, mesmo após a queda nesse mundo terreno. Ela cintila aqui entre nós. É a mais reluzente e mais encantadora para o amor (ἐκφανέστατον καὶ ἐρασμιώτατον, *Fedro* 250c<sub>1</sub>). Desperta nos amantes o anseio e o desejo pelo mais sublime. – Isso certamente não é uma resposta conceptual ao problema da participação do individual no geral. Mas já é um destaque significativo do Belo, seu “evidenciar-se”. Pois isso significa, na verdade, que está contido no visível. Com efeito, o Belo que é o Amado é a “pura” Beleza em grau eminente. Encontra-se na mais perfeita visibilidade de seu brilho. Afinal de contas, Ser-Belo significa: poder deixar-se ver (cf. acerca do Feio, *Filebo* 65e). Dessa maneira, a partir do *Fedro*, também se entende o sentido da frase segundo a qual o que o Bem pode ser tem sua “potência”, tem sua forma de manifestação no Belo. É, por si só, consoante sua própria natureza, surgir, cintilar, reluzir (ἐκφανέστατον) (Gadamer, 2009, p. 117).

Perscrutando-se o trecho acima, nota-se que há no conteúdo alemão uma série de palavras que giram em torno dos sentidos de “parecer” e “brilhar”. Tais vocábulos são usados por Gadamer no contexto acima partir da noção contida no vocábulo ἐκφανέστατον (*o mais reluzente*), que em sua origem é derivado de φαίνω / φαίνομαι<sup>22</sup> (fazer brilhar, encher de luz, alumiar, fazer aparecer, tornar visível, brilhar, luzir surgir,

<sup>21</sup> Observe-se que se cometeu o lapso de não fazer constar na edição brasileira a seguinte informação contida no original: (ταύτην ἔσχε μοῖραν Phaidr. 250d<sub>7</sub>).

<sup>22</sup> Cf. Malhadas, 2010, p. 195. Obs.: Etimologicamente, φαίνω está presente na palavra *fenômeno* em português.

vir ao mundo, parecer, ser manifesto etc.). Saliente-se que os verbos correlatos em alemão têm a mesma raiz “*schein-*” (*scheinen, erscheinen*), o que não ocorre em português, como mostra a nota do tradutor que foi utilizada na versão brasileira: “Em alemão, todos os termos usados por H.-G. Gadamer nesse contexto têm uma raiz verbal comum oriunda do verbo *scheinen*, que significa ‘brilhar’, ‘parecer’” (Gadamer, 2009, p. 117).

#### 2.4. Minimização de dificuldades

No texto original de Gadamer, como já se viu em exemplos anteriores, apresentam-se algumas dificuldades relativas aos valores semânticos e conteúdos ideo-estéticos que precisaram ser minimizadas durante o processo tradutivo, para que pudesse acontecer a dupla concretização do conteúdo objetivo da obra. Em um trecho específico, Levý trata da questão da minimização de dificuldades por parte do tradutor:

Em suma, o cerne das questões relativas ao processo através do qual uma tradução é criada reside na inter-relação entre três entidades representantes de totalidades estruturais: (a) o conteúdo objetivo do trabalho e sua dupla concretização da maneira como é realizada pelo (b) leitor do original e (c) pelo leitor da tradução respectivamente. As três estruturas diferenciar-se-ão de certo modo entre si, dependendo especificamente do grau de envolvimento dos dois fatores diferenciadores de sua constituição (isto é, as línguas e a consciência social dos dois círculos de leitores). A minimização dessas dificuldades é a preocupação essencial do tradutor, e as principais questões teóricas surgem a partir da tentativa de analisar ou até mesmo definir em termos normativos as inter-relações entre as três entidades<sup>23</sup> (Levý, 2011, p. 30s).

Um exemplo flagrante desse tipo de ação que se espera seja adotada por parte do tradutor pode ser constatado na seguinte nota de rodapé escrita pelo próprio autor original e, no contraste, na versão brasileira da nota, ampliada por uma explicação bastante elucidativa:

<sup>50</sup> Dies Un-Wort, das besser als jeder andere Ausdruck für ἀρετή den hier entscheidenden Punkt trifft, hat W. Schadewald vorgeschlagen (Gadamer, 1978, p. 101).

<sup>50</sup> Esta palavra inexistente (em alemão: Bestheit = melhoridade), que aqui alcança, melhor do que qualquer outro termo, o alvo decisivo para a tradução de ἀρετή, foi sugerida por W. Schadewald. (N. do T.: Para conservar a possibilidade do neologismo, evitou-se utilizar o termo “excelência”, que se encontra na tradução brasileira de *Ética a Nicômaco* [trad. Mário da Gama Kury, Editora da UnB, 2001], criando-se o termo “melhoridade”, que segue literalmente a construção neológica do termo alemão.) (Gadamer, 2009, p. 168s.)

Verifica-se que na tradução da nota de Gadamer o tradutor acrescentou uma explicação sobre os motivos que o levaram, também ele, a criar um neologismo, embora soubesse

---

<sup>23</sup> “In summary, the crux of the issues regarding the process by which a translation is created lies in the interrelationship between three entities representing structural wholes: (a) the objective content of the work and its twofold concretisation as performed by (b) the reader of the original and (c) the reader of the translation respectively. The three structures will differ from one another somewhat, depending in particular on the extent of involvement of two differentiating factors in their constitution (i.e. the languages and the social consciousness of the two readerships). The minimization of these difficulties is the translator’s cardinal preoccupation, and the main theoretical issues arise out of the quest to analyse or even define in normative terms the interrelationships between the three entities”.

da existência, em uma versão brasileira já consagrada do livro *Ética a Nicômaco*, de uma tradução para o termo *ἀρετή*, a que muitos já se afeiçoaram. Se houve uma maximização do trabalho do tradutor, por outro lado, ele conseguiu, com sua estratégia, fazer o leitor brasileiro perceber algo semelhante àquilo apreendido pelo leitor alemão ao se deparar com o termo *Bestheit*.

## 2.5. Reestilização do texto-fonte

Ao abordar a questão da estilização em textos-alvo, Boase-Beier (2011, p. 5) considera que o estilo na tradução deverá ser considerado a partir de pelo menos quatro pontos de vista potenciais:

- i) O estilo do texto-fonte como uma expressão das escolhas do autor;
- ii) O estilo do texto-fonte em seus efeitos sobre o leitor (e sobre o tradutor como leitor);
- iii) O estilo do texto-alvo como uma expressão de escolhas feitas por seu autor (que é o tradutor);
- iv) O estilo do texto-alvo em seus efeitos sobre o leitor<sup>24</sup>.

As ideias de Levý podem ser entendidas como aspectos complementares àqueles considerados por Boase-Beier, como se verificará a seguir:

Do autor original esperamos uma estilização artística da realidade, e do tradutor esperamos uma reestilização da fonte. Tradutores conseguem, com a maior facilidade, empregar seu talento na estilização linguística, de modo que o dom do estilo é aquilo de que mais necessitam. Questões linguísticas na tradução estão relacionadas principalmente aos seguintes aspectos:

1. A inter-relação entre os dois sistemas linguísticos;
2. Vestígios da língua do original na estilização da tradução;
3. Tensões no estilo da tradução decorrentes de transformações de ideias na língua-alvo diferentemente do modo como foram concebidas na língua-fonte<sup>25</sup> (Levý, 2011, p. 47s.).

Recorrendo-se às explanações de Levý e de Boase-Beier, é lícito afirmar que alguns dos exemplos precedentes, retirados do texto original de Gadamer e de sua tradução brasileira, apresentam exemplos da reestilização do texto-fonte que têm impacto direto sobre os leitores da tradução. Dentre tais exemplos, mencione-se a utilização das notas explicativas sobre as questões semântico-etimológicas comuns ao grego e ao alemão. Aqui também caberia como ilustração o seguinte trecho alemão com sua respectiva tradução:

<sup>24</sup> “i) The style of the source text as an expression of its author’s choices; ii) The style of the source text in its effects on the reader (and on the translator as reader); iii) The style of the target text as an expression of choices made by its author (who is the translator); iv) The style of the target text in its effects on the reader”.

<sup>25</sup> “From the original author we expect an artistic stylization of reality, and from the translator we expect an artistic re-stylisation of the source. Translators can most readily apply their talent to linguistic stylisation, so the gift of style is what they need above all. Linguistic issues in translation relate principally to the following: 1. The interrelationship between the two language systems; 2. Traces of the language of the original in the stylisation of the translation; 3. Tensions in the style of the translation arising out of the rendering of ideas in a language other than in which they were conceived”.



So ist die wahre ‘Arche’, wie er mit verblüffender Radikalität sagt, das ‘Daß’ (τὸ ὅτι EN 1095b<sub>6</sub>, 1098b<sub>2</sub>). Damit ist gemeint: es ist von der Praxis selbst auszugehen und dem in ihr lebendigen Bewußtsein dessen, was gut ist (ὁμολογούμενον) (Gadamer, 1978, p. 95).

Desse modo, a verdadeira *arkhé*, como chega a afirmar com espantoso radicalismo, é o “que” (τὸ ὅτι EN 1095b<sub>6</sub>, 1098b<sub>2</sub>). Com isso, quer dizer o seguinte: deve-se partir da própria prática e da consciência nela viva daquilo que é “bom” (ὁμολογούμενον) (Gadamer, 2009, 158).

Na reestilização do trecho acima, o tradutor viu-se obrigado a recorrer a uma nota de rodapé, a fim de explicar o sentido de τὸ ὅτι = *Daß*, para que o leitor brasileiro tivesse certeza do verdadeiro sentido do “que” abordado no texto, já que o vocábulo “que” em português é bastante polissêmico. Eis a nota do tradutor utilizada: “O ‘que’ a que se refere Gadamer é a conjunção integrante “que” (em alemão, *dass/daß*).” Ainda em outro trecho o tradutor também utiliza uma nota explicativa para apoiar a reestilização do texto original, já que um determinado termo em português (o vocábulo “comum”) poderia gerar algum problema de compreensão:

Schwierig steht es mit dem zweiten Argument (1218a<sub>1-15</sub>). Hier kann der Text von EE nicht in Ordnung sein. Es geht darum, daß das Gute kein Gemeinsames und Fürsichseiendes sein kann (κοινόν καὶ χωριστόν) (Gadamer, 1978, p. 84).

A dificuldade toma forma em relação ao segundo argumento (1218a<sub>1-15</sub>). Aqui o texto da *EE* pode não estar em ordem. Trata-se do fato de o Bem não poder ser Comum\* e Essente-Para-Si (κοινόν καὶ χωριστόν) (Gadamer, 2009, p. 139).

A nota do tradutor utilizada para dirimir o problema destacado no trecho acima foi esta: “O termo ‘comum’ é usado aqui e nas páginas seguintes desse texto no sentido de ‘pertencente à maioria, a todos os seres ou coisas’ e não no sentido de ‘usual, habitual, ordinário’”. Frise-se que o termo do original (“Gemeinsames”) não gera nenhum problema de polissemia em alemão. Quanto ao termo χωριστόν, proveniente do verbo χωρίζω (*colocar à parte; separar uma coisa; afastar-se, distanciar-se etc.*; cf. Malhadas *et al.* 2010, p. 255), pode ser traduzido como “*que existe separadamente; separado; abstrato*”. Note-se que o termo correspondente em alemão e utilizado por Gadamer em forma substantivada é *Fürsichseiendes*, um termo concebido conforme os modelos de construção vocabular usados notadamente por Heidegger e Gadamer. O tradutor, neste caso, tomou a liberdade de seguir, em português do Brasil, a mesma construção do termo alemão, recorrendo, para tanto, ao termo marcadamente latino “essente”<sup>26</sup>.

### 3. Considerações finais

Considerando-se que traduzir filosofia pode ser entendido como desvelar a verdade oculta; que traduzir um texto filosófico é um teste insubstituível; que a filosofia é uma arte de gênio, uma dádiva regulada por uma intuição intelectual; que a poesia e a filosofia têm uma aliança originária milenar; que a tese da filosofia é a traduzibilidade em um sentido

<sup>26</sup> Com relação ao adjetivo χωριστός, ἡ, ὄν, aqui em sua forma nos 3 gêneros, verifique-se também seu significado no Dicionário Liddell & Scott: <http://perseus.uchicago.edu/cgi-bin/philologic/getobject.pl?c.82:6:178.LSJ> (último acesso em 26/09/2016).

razoável de transferência de significados de uma língua para outra; que a verdade ou o significado tanto na filosofia quanto na tradução assume um papel de líder; então é lícito afirmar que sem sombra de dúvidas existem muitos pontos em comum entre a tradução de textos filosóficos e a tradução de textos literários. E isto ocorre, embora também ainda imperem, entre os estudiosos envolvidos nessas dessas duas áreas do agir tradutório, diferentes ideias sobre como abordar, por exemplo, questões referentes à univocidade e à plurivocidade nos dois gêneros discursivos em questão, e sobre como lidar com a manutenção do Belo e com a busca de fidelidade durante o ato tradutório em ambos os campos. Afinal de contas, se não há um único discurso filosófico reinante, assim como também não há uma única teoria da tradução predominante, existem grandes margens de possibilidades reais para a confluência de interesses entre esses dois importantes campos da criação e da recriação de textos, e notadamente no domínio da tradução e da crítica de tradução de textos desses dois gêneros discursivos.

Com base nesses pressupostos, fez-se uma incursão na obra *The Art of Translation*, da autoria de Jiří Levý, e mediante alguns recortes selecionados foi possível recorrer a alguns dos muitos conceitos e preceitos teóricos, práticos e metodológicos abordados pelo teórico tcheco no âmbito da tradução literária. Com a ajuda desses conceitos e preceitos, foi igualmente possível examinar algumas estratégias empregadas no processo tradutório da obra *Die Idee des Guten zwischen Plato und Aristoteles*, de Hans-Georg Gadamer, que originou a versão brasileira intitulada *A ideia do Bem entre Platão e Aristóteles*, realizada pelo autor deste artigo. Durante esse exame, recorreu-se, portanto, a uma parte do arcabouço teórico de Jiří Levý e, no recorte proposto neste artigo, foram apresentados e comentados os seguintes aspectos dignos de relevância: a) valores semânticos e conteúdo ideo-estético do texto-fonte; b) funcionalidade do texto-alvo; c) condicionamento linguístico, forma linguística e conteúdo ideo-estético; d) minimização de dificuldades; e por último e) reestilização do texto-fonte. Por meio do cotejo entre trechos do texto-fonte e do texto-alvo, logrou-se examinar, à luz desses conceitos e preceitos propostos por Jiří Levý, a utilização, por parte do tradutor da obra de Gadamer, de diferentes estratégias tradutórias: a) notas do tradutor; b) explicações inseridas diretamente no corpo do texto-fonte ou em notas do texto-fonte; e c) certos malabarismos semânticos em diversas perspectivas linguístico-culturais.

Uma vez realizado o exame proposto neste trabalho, pôde-se concluir que os fundamentos teóricos, metodológicos e práticos concebidos e debatidos em *The Art of Translation*, e inequivocamente ilustrados por Jiří Levý mediante trechos de obras literárias cotejados em diferentes línguas-fonte e línguas-alvo, também se prestam para perscrutar o caminho percorrido durante a tradução de uma obra claramente inserida no gênero e no discurso filosófico.

## Referências

- Abbagnano, N. (2000). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Amara, R. B. (1998). The philosophical nature of translation. Translating foreignness and otherness in language. Em: Laura Sanna; Romana Zacchi (org.). *Traduzioni e invenzioni. Esplorando l'ignoto*. Milão: Marcos y Marcos.
- Arrojo, R. (1993). *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Berman, A. *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*. 2ª ed. Trad. De Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan y Andriea Guerini. Florianópolis: Copiart – PGET/UFSC, 2013.
- Boase-Beier, J. (2011). *Stylistic approaches to translation*. Xangai: Shanghai Foreign Language Press.
- Derrida, J. (2005). Teologia da tradução. Trad. de Nícia Bonatti. Em: Paulo Ottoni (org.). *Tradução. A prática da diferença*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- D'Hulst, L.; Lombez, C. (ed.) (2012). *Histoire des traductions en langue française. XIXème siècle*. Lagrasse: Éditions Verdier.
- Domingues, J. (2012). *As “belas infiéis”*. Antologia de textos sobre tradução na época clássica em França. Ramada: Edições Pedagogo.
- Gadamer, H.-G. (2009). *A ideia do Bem entre Platão e Aristóteles*. Trad. de Tito Lívio Cruz Romão. São Paulo: Martins Fontes.
- Gadamer, H.-G. (1978). *Die Idee des Guten zwischen Plato und Aristoteles*. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag.
- Guerra Filho, W. S. (1996). *Conceitos de Filosofia*. Fortaleza: UFC – Programa Cultural Casa José de Alencar.
- Levý, J. (2011). *The art of translation*. Trad. de Patrick Corness. Ed. por Zuzana Jettmarová. Amsterdã: Benjamins.
- Levý, J. (1969). *Die literarische Übersetzung. Theorie einer Kunstgattung*. Frankfurt am Main/Bonn: Athenäum Verlag.
- Malhadas, D. et al. (ed.) (2010). *Dicionário Grego-Português σ-ω*. Cotia, SP: Ateliê Editorial.

Romão, T. L. C. / *Considerações sobre a tradução brasileira de Die Idee des Guten zwischen Plato und Aristoteles de Hans-Georg Gadamer à luz de preceitos teóricos de Jiří Levý*

Matos, M. A. de Moura (1984). A tradução de textos de psicologia, de psicanálise e de filosofia. Problemas e princípios. Em: Waldívia Marchiori Portinho (ed.). *A tradução técnica e seus problemas*. São Paulo: Álamó, pp. 32-76.

Nord, C. (1988). *Textanalyse und Übersetzen. Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse*. Heidelberg: Julius Groos Verlag.

Ortega y Gasset, J. (2013). *Miseria y esplendor de la traducción. Misère et splendeur de la traduction*. Edición bilingüe. Trad. y notas de Marie-Églantine Lescasse, Éloïse Libourel, Marta Martínez Valls, Rachel Paul, Clément Ribes y Katia Tosco. Paris: Les Belles Lettres.

Paz, O. (1983). Literatura y Literalidad. Em: *El signo y el garabato*. México: Joaquín Mortiz.

Schäfer, K. (1839). *Die Aufgabe des Uebersetzens*. Erlangen: Jung'sche Universitäts-Buch-Druckerei.

Schleiermacher, F. (2011). Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens / Sobre os diferentes métodos de tradução / Sobre os diferentes métodos de traduzir / Dos diferentes métodos de traduzir. Trad. de Margarete von Mühlen Poll, Celso R. Braidá, Mauri Furlan. *Scientia translationis* (9). Recuperado de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2011n9p3>

Stolze, R. (2011). *Übersetzungstheorien. Eine Einführung*. 6<sup>a</sup> ed. Tübingen: Narr Verlag.

Vermeer, H.-J. & Reiß, K. (1991). *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen: Niemeyer.